

#### RESUMO

Em qualquer interação, os sujeitos assumem uma posição social e convocam seus interlocutores a assumir uma posição simétrica ou complementar à primeira. Esse posicionamento recíproco é bastante complexo, uma vez que envolve as condutas coordenadas, o gerenciamento dos conflitos, as estratégias na condução da interação e a complexidade do próprio sujeito. Para a compreensão das relações interpessoais estabelecidas entre os sujeitos que participam do Projeto IFNOPAP, serão analisadas as relações descritas no módulo interacional do modelo de análise modular do discurso, que se ocupa das condições materiais da atividade discursiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações interpessoais, propriedades materiais do discurso, narrativas orais.

---

#### 1 INTRODUÇÃO

A introdução da perspectiva discursiva nos domínios da análise lingüística favoreceu a pesquisa sobre as instâncias enunciativas do discurso e sobre o caráter sócio-histórico e interativo dos processos verbais. Tal expansão implicou o deslocamento de uma abordagem descontextualizada dos fenômenos lingüísticos para uma abordagem concreta, situada na prática social da linguagem. A partir de então, passou a ser também objeto das ciências que se ocupam da linguagem o vínculo estabelecido entre os sujeitos na interação verbal.

---

\* Doutora em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade Federal do Pará.  
E-mail: fpessoa@amazon.com.br

Quando se interage, fala-se de uma posição social e convoca-se o outro a assumir uma posição simétrica ou complementar em relação à primeira. Esse posicionamento recíproco é bastante complexo, uma vez que envolve as condutas coordenadas dos sujeitos, o gerenciamento dos conflitos, a variedade de estratégias que permitem a condução da interação e a complexidade do próprio sujeito, que não é a origem única do seu dizer.

A defesa do caráter social, e conseqüentemente interacional, da atividade discursiva encontra-se em Bakhtin (1997), ao valorizar que a tomada de consciência sobre o funcionamento da linguagem não poderia estar dissociada do uso da linguagem pelos sujeitos e da relação com a situação social mais imediata e o meio social mais amplo que determinam a estrutura da enunciação. Ainda segundo Bakhtin (2000), um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. Nessa cadeia, o enunciado está ligado não só aos elos que o precedem mas também aos que lhe sucedem. O enunciado, desde o início, é elaborado em função da eventual reação-resposta, a qual é o objetivo preciso de sua elaboração. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter.

Essas considerações em torno do caráter fundamentalmente interacional da atividade lingüística reforçam a existência dos laços que se estabelecem entre os sujeitos por meio da linguagem em situações autênticas de interação social. Logo, descrever e analisar as regularidades nos possíveis modos de organização discursiva significa compreender a forma como se articulam as diferentes dimensões do discurso, bem como compreender também as sempre complexas relações de identidade entre os interlocutores.

As relações intersubjetivas são o objeto principal do trabalho de pesquisa que se propôs a compreender o modo como pesquisadores e informantes do Projeto Integrado “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense” (IFNOPAP) estabelecem e gerenciam as relações mútuas na condução da atividade de coleta de narrativas.

O Projeto IFNOPAP desenvolve-se na Universidade Federal do Pará e seu objetivo mais geral é registrar, recuperar e confrontar as narrativas orais populares do imaginário e suas manifestações na vida do amazônico paraense. Atualmente, possui um acervo de aproximadamente cinco mil narrativas registradas em fitas cassetes, coletadas nas diversas regiões que compõem o Estado do Pará. Esse acervo constitui-se de entrevistas feitas por pesquisadores da UFPA com o objetivo de incitar os informantes, de diferentes faixas etárias, a narrar episódios relativos ao imaginário da região. As entrevistas seguem diferentes roteiros, apresentam extensão variada e organizam-se sobre os mais diversos tópicos discursivos, o que constitui a sua riqueza enquanto corpus de análise para as áreas da Linguística e da Literatura, além das demais áreas do conhecimento que se ocupam da linguagem em suas diferentes dimensões.

Observando o confronto entre sujeitos que pertencem a domínios de conhecimento distintos, o universo científico para o pesquisador e o universo da tradição oral para o informante, buscou-se compreender quem são os sujeitos que interagem, quais interesses os reúnem, como se definem e como definem o outro, como se apresentam um ao outro, como coordenam suas condutas, quais os conflitos que gerenciam, em suma, como se constituem na e pela atividade discursiva.

Na formulação das hipóteses que nortearam a condução da pesquisa, as premissas assumidas são:

(a) o discurso é também espaço de construção, manutenção e transformação de relações sociais;

(b) o modo como se co-constroem as relações sociais no e pelo discurso é sinalizado na superfície do texto, por meio do jogo de negociação dialógica do qual o texto é instância reveladora;

(c) as relações sociais co-construídas e gerenciadas no processo de interação verbal são organizadas em um contínuo de maior ou menor estabilidade.

O aparato teórico adotado para sustentar a análise das relações entre os sujeitos que se confrontam na interação relativa ao trabalho de

coleta de narrativas privilegia uma visão processual sobre a atividade lingüística. O modelo de análise modular do discurso, ao se inscrever em um quadro cognitivo-interacionista, assume que, mesmo havendo uma ordem sociointeracional anterior ao encontro social, é no momento da interação entre os sujeitos que essa ordem se atualiza e se reorganiza em virtude da negociação permanente que se estabelece entre os interlocutores. Na busca por um modelo global que possa descrever e explicar a complexa organização discursiva, o modelo de análise modular do discurso pretende integrar as dimensões lingüística (ligada à organização sintática e lexical das variedades de uma língua), textual (ligada à estrutura hierárquica do texto) e situacional (ligada ao universo de referência e à situação de interação) envolvidas na organização do discurso e derivar dessa articulação organizações mais complexas, definidas no modelo como formas de organização discursiva.

Neste artigo, são apreciadas as relações descritas no módulo interacional, considerando a situação efetiva de comunicação, o contato entre pesquisadores e informantes, e as situações de interação representadas nas intervenções dos interlocutores. Cabe ao módulo interacional, na organização do modelo de análise modular do discurso, descrever e analisar as condições materiais do encontro social. O perfil das identidades construído a partir desses dados diz respeito às representações esquemáticas, sócio-historicamente construídas a partir da recuperação e organização de experiências anteriores dos sujeitos, assim como à atualização dessas representações na realização mesmo das condutas verbais e não verbais em uma situação de interação específica, que confirmam ou transformam as formas de organização social da experiência, em um movimento retroativo. Não se pode perder de vista, portanto, a mútua determinação existente entre as duas ordens.<sup>1</sup>

## 2 CONSTRUINDO IDENTIDADES: A SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO EFETIVA

O ponto de partida para a compreensão das relações interpessoais na interação entre pesquisadores e informantes envolvidos no trabalho

de coleta de narrativas do Projeto IFNOPAP é o esboço do módulo interacional. A descrição das propriedades materiais da situação em que o encontro social se desenrola, bem como a descrição das propriedades materiais dos mundos representados pelo discurso em construção contribuem para a definição das relações entre os sujeitos, dotados de propriedades capazes de garantir a legitimidade na apropriação da linguagem, considerada como prática social.

São três os parâmetros que definem a materialidade da interação:

- o canal de interação: o suporte físico utilizado pelos interlocutores;
- o modo de interação: a posição dos interlocutores relativa ao espaço e ao momento da interação;
- o elo da interação: o grau de reciprocidade entre os interlocutores.

O quadro interacional do encontro se constrói por meio da combinação dos três parâmetros acima definidos e se apresenta como uma estrutura constituída por níveis. Cada nível comporta uma materialidade própria, que permite caracterizar as condições de participação de cada interlocutor no conjunto da interação: sua posição de interação. Para a composição do quadro interacional do corpus do Projeto IFNOPAP, serão utilizados os dados da entrevista E03CZter231093:<sup>2</sup>

QUADRO INTERACIONAL 1 - ENTREVISTA E03CZTER231093<sup>3</sup>

(Seu Chico)	(Patrícia Garcia)
Interlocutor	Interlocutor
Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade	

Neste primeiro quadro, encontram-se os valores interacionais, à exceção das informações entre parênteses, correspondentes às condições materiais que permitem a interação entre os sujeitos. A combinação dos valores ali descritos institui um nível de interação, bem como as posições

de interação que o compõem. A combinação de valores define a interação como um encontro face a face, em que há plena possibilidade de participação ativa dos sujeitos.

Embora a configuração do quadro interacional acione unicamente informações derivadas da natureza material da interação, a observação das ações que se desenvolvem no decurso de uma interação permite descrever de modo mais completo o perfil das relações de identidade estabelecidas entre os sujeitos, uma vez que considerar o tipo de atividade na qual os interlocutores estão engajados permite mobilizar informações relativas aos processos cognitivos e sociais atuantes nas práticas discursivas. Para agir, os sujeitos precisam estar investidos de uma identidade particular que precisa ser reconhecida pelo outro para a garantia de sucesso das ações coordenadas, portanto, aliadas às posições de interação instituídas pela materialidade do encontro social, os sujeitos assumem também posições de ação relativas às identidades participativas que sustentam o engajamento recíproco dos sujeitos na condução de suas ações. Sobrepor as posições de ação às posições de interação na composição do quadro interacional, ou seja, acrescentar as informações procedentes do módulo referencial às informações procedentes do módulo interacional permite uma descrição complementar das propriedades situacionais emergentes do discurso.<sup>4</sup>

Na condução da atividade discursiva que reúne informantes e pesquisadores do Projeto IFNOPAP, duas atividades se realizam e se articulam de modo particular. É tarefa dos pesquisadores do projeto entrevistar moradores das diferentes regiões do Estado do Pará com o objetivo de obter narrativas sobre o imaginário da região. Portanto, a entrevista é conduzida de modo a incitar o informante a narrar. É justamente quando consegue despertar no informante a disposição em apresentar uma narrativa que se alteram as relações entre esses sujeitos, sinalizando que uma nova atividade passa a se realizar, o que certamente exigirá um realinhamento dos comportamentos. Martins (1999) assim descreve sua participação no trabalho de coleta das narrativas, que num dado momento se transforma em uma sessão de estórias:

A maneira envolvente do seu contar fascina e cativa também sua mulher e seus filhos, que já ouviram centenas de vezes as mesmas estórias e ficam junto conosco, ouvindo mais uma vez e rindo tanto ou mais que o pai contador de causos. Os futuros contadores pedem ainda, ou lembram ao pai sobre outras façanhas.

– *Pai, conta aquela daqueles dois lá no mato...*

É uma cumplicidade e interação de dar inveja aos mais variados programas que concorrem, hoje, com essa prática milenar do contar. Um detalhe: as crianças e moças da casa estavam assistindo televisão na sala. Foi a sessão de estórias começar, desligaram o aparelho e juntaram-se ao pai, para mais uma vez serem mergulhados no mar das estórias paternas, e desse mergulho emergirem banhados da experiência contadeira do caboclo. (MARTINS, 1999, p. 41)

Para a articulação das duas atividades que se realizam no decurso de uma mesma situação de interação, o quadro interacional é composto por dois níveis, relativos às duas atividades. Nesse caso, o nível mais periférico é representado conforme o quadro seguinte:<sup>5</sup>

QUADRO INTERACIONAL 2 - ENTREVISTA E03CZTER231093

(Seu Chico)	(Patrícia Garcia)
Interlocutor	Interlocutor
[entrevistado]	[entrevistador]
Oral	
Co-presença temporal e espacial	
Reciprocidade	
[entrevista]	

Nesse quadro, o laço de reciprocidade que caracteriza a relação entre os sujeitos garante a participação ativa de ambos na construção da atividade discursiva, de acordo com as ações que cabem a cada uma das identidades comunicacionais assumidas: entrevistador/entrevistado.

A dinâmica da interação entrevistador/entrevistado, segundo Kerbrat-Orecchioni (1992), constitui-se como uma interação assimétrica em que cada um dos participantes, a depender do ponto de vista, assume

uma posição privilegiada.<sup>6</sup> Cabe ao entrevistador o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação; por outro lado, cabe ao entrevistado uma contribuição informacional significativa na co-construção do discurso. Ou seja, na condução da atividade entrevista, entrevistador e entrevistado ocupam posições privilegiadas em virtude de suas identidades comunicacionais e identidades sociais, entrevistador e pesquisador/entrevistado e informante respectivamente. As identidades comunicacionais circunscrevem-se aos limites de tempo e espaço do encontro social e estão estreitamente relacionadas à definição das atividades que nesse espaço discursivo se realizam. São elas que orientam as ações complementares dos sujeitos de modo a garantir a coordenação das ações realizadas durante a interação. No entanto, para assumir as identidades comunicacionais relacionadas a cada posição de interação, os sujeitos precisam estar investidos de uma identidade social, considerada como pré-requisito para legitimar sua participação naquele encontro, identidades que na análise aqui desenvolvida são definidas como pesquisador/informante.

O pesquisador é ou um professor ligado ao Projeto IFNOPAP, ou um aluno da graduação ou pós-graduação da UFPA, ligado ao projeto como bolsista ou voluntário. Uma de suas tarefas é a coleta de narrativas, quando assume a identidade comunicacional de entrevistador, mas para além dessa tarefa ele também é responsável por organizar o banco de dados do programa, transcrever as narrativas coletadas, desenvolver análises dos dados conforme as orientações do subprojeto ao qual está ligado etc., tarefas em que assume outras identidades comunicacionais a depender das atividades em que está envolvido. Quanto ao informante, já que não existe nenhum documento elaborado pelos coordenadores do projeto para definir o seu perfil, acredita-se que não haja nenhuma exigência mais específica para determinar sua participação no programa, uma vez que temos registradas entrevistas de pessoas de ambos os sexos, faixa etária diferenciada, moradores da capital ou do interior, escolarizadas ou não etc. Parece que o único pré-requisito que o

informante deve satisfazer é ter alguma história para contar, seja ou não legitimado pela comunidade com a qual convive como “contador de histórias”. Um trecho da entrevista E03CZter231093 ilustra o modo como a entrevista é conduzida:

P. a entrevista é com:: seu chico↓ qual seu nome completo seu chico↑  
If. é francisco...francisco alves (de lima)  
[  
If2 posso dizê↑  
P. se:: chi:: francisco↑  
If. ALVES DE LIMA  
P. alves de lima↑ a sua idade↑  
If.. sessenta e cinco ano  
P. sessenta e cinco anos↑ e:: o senhô sempre viveu aqui na terra firme↑<sup>7</sup>  
If. (inc.) trinta e lá vai coisa  
P. o senhô é nascido:: em belém↑  
If. so:: nascido em belém↓ mas eu já moro aqui há...trinta e pocos trinta e::  
acho trinta e pocos anos  
[...]

As duas identidades comunicacionais tornam significativa a contribuição dos sujeitos na condução da dinâmica interacional e como que esboçam as condições ideais de participação de cada sujeito, construídas socialmente. Tais condições ideais de participação são, por sua vez, atualizadas em situações concretas de interação e se deixam adaptar a partir das negociações efetivamente realizadas pelos sujeitos em cada encontro social. É assim que tanto o plano esquemático da atividade interpretativa de co-construção dos sentidos e dos contextos situacionais quanto o plano emergente dessa atividade interpretativa têm implicações significativas na construção das relações interpessoais, visto que as identidades dos sujeitos se definem na mútua determinação entre esses dois níveis.

Ao quadro interacional esboçado anteriormente para descrever o modo como se institui o espaço discursivo entre os participantes do trabalho de coleta de dados do Projeto IFNOPAP, acrescenta-se o perfil de um novo espaço discursivo, inaugurado pela nova atividade que se realiza no interior da atividade primeira: a narração. Todo percurso da entrevista tem por objetivo suscitar no informante um comportamento diferenciado em relação àquele que inaugura o encontro interacional. Diz-se que, de acordo com o instrumento teórico aqui utilizado para conduzir a pesquisa, embora permaneçam idênticas as identidades sociais dos interlocutores, suas identidades comunicacionais se alteram em virtude da realização da nova atividade em curso. Desse modo, altera-se, conseqüentemente, o comportamento comunicacional desses interlocutores:

QUADRO INTERACIONAL 3 - ENTREVISTA E03CZTER231093

(Seu Chico) Interlocutor [entrevistado]	(Seu Chico) Interlocutor [contador]  Oral Co-presença temporal e espacial Reciprocidade moderada [narração]	(Patrícia Garcia) Interlocutor [auditório]	(Patrícia Garcia) Interlocutor [entrevistador]
[entrevista]	Oral Co-presença temporal e espacial Reciprocidade		

A estrutura de encaixe para representar as atividades que se realizam no decurso do encontro social é conveniente porque pode demonstrar justamente a organização hierárquica entre elas: a entrevista é o enquadre que possibilita a realização da atividade mais central.

No momento da narração, modifica-se o *status* participativo dos sujeitos que interagem, resultante de um processo de negociação. Se na atividade entrevista o domínio da dinâmica interacional pertence ao pesquisador, que então assume a identidade comunicacional de entrevistador, a quem cabe o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação, na atividade encaixada, que revela um domínio de conhecimento relativo à experiência de vida do informante, cabe ao contador o direito a um turno significativamente maior na organização interacional e por isso uma posição privilegiada na condução daquela dinâmica.

Embora o canal e o modo deste novo nível de interação sejam idênticos ao nível mais externo, o elo que estabelece a relação entre as duas posições de interação é o que chamarei aqui de reciprocidade moderada, justamente porque, durante a condução da narração, as intervenções do auditório se apresentam em tomadas de turnos mais exíguas, principalmente através de sinais de assentimento, que mesmo não sendo significativas do ponto de vista da contribuição informacional são, no entanto, significativas para o desempenho do contador, uma vez que incentivam a condução da narrativa através de sinais que demonstram a atenção dispensada ao discurso do outro. A mudança de comportamento dos sujeitos em determinado momento da condução da interação é evidência de que o modo como esses sujeitos se percebem se altera, alterando-se também o modo como se relacionam e se ajustam na busca da sincronia interacional.<sup>8</sup>

Desse modo, mais uma vez se evidencia a interdependência entre as informações de natureza referencial e interacional para definir o espaço discursivo que reúne dois ou mais sujeitos e os leva a agir de modo cooperativo. O módulo referencial, ao definir o tipo de atividade que está sendo conduzida e as ações que cabem aos participantes da ação, interfere na disposição das condições materiais do encontro social. O módulo interacional, por sua vez, ao estabelecer os valores materiais da interação, interfere na atualização das ações participativas dos sujeitos.

Um outro trecho de entrevista aqui selecionada para análise ilustra a seqüência narrativa encaixada na atividade mais externa:

[...]

P. curupira↑

If. curupira...diziam que diziam que era cobra...ne nessa época meus filho... eram pequeno e:: eu tinha muito (inc.) nem nascido era...(inc.)

P. hum::...(5.0s)era o curupira que:: fazia o senhô se perdê↑

If. era a curupira curupira é um...um um bicho...a pessoa...diz...

que é uma curupira e coisa que faz a gente se perdê...mas

aquilo é uma coisa que...que eu tive que que que...enxergá não↑

vi mais ou menos um semblante...de um...mas isso foi...meus filho

eram pequeno ainda...é ainda tinha uns filho pequeno de...oito anos dez anos...

(11.0s)

If. (inc.) a gente andava por aí coisa...disque era curupira curupira mas não tinha nada de curupira a gente nunca viu a gente viu::...um semblante assim...como...pensô ia...ia vê uma COIsa...mas eu nunca coisa positiva...só só só vim...já depois de:: uns anos aí...um negócio dum... dum de uma tal de curupira...aí dentro desses matos aí (inc.) tá perdido...era eu e mais otros...nos perdemos dentro de desse mato era... era onze horas mais ou menos...ma maioria era mato isso aí tudinho... nessa universidade (inc.) vocês vem por aí...tudo era...era mato...sei que apareceu lá um:: uma (inc.) o pessoal disse que era curupira...mas no no final...não sa sabia o que era que era

[...]

Portanto, durante a condução do encontro social de coleta de dados do Projeto IFNOPAP, apresentam-se comportamentos comunicacionais distintos, relacionados às atividades que, no interior desse encontro, se realizam, evidenciados nas seqüências discursivas quando

se percebe a alteração do *status* participativo dos sujeitos em diferentes momentos.

### 3 CONSTRUINDO IDENTIDADES: AS INTERAÇÕES REPRESENTADAS

A organização extremamente complexa dos processos identitários na interação entre dois ou mais sujeitos manipula simultaneamente dados da dimensão situacional e dados da forma de organização enunciativa, que compõem o quadro das relações interpessoais particular ao encontro social.

Se as possibilidades descritivas apresentadas até aqui relacionam-se às coordenadas da situação efetiva do discurso – o contato entre pesquisadores e informantes – a possibilidade de novos encaixes no quadro interacional para a descrição dos dados de análise, a partir deste momento, relacionam-se às coordenadas disjuntas da situação efetiva de comunicação, constituídas pela narração.

Os desdobramentos dos níveis de interação descritos daqui em diante traduzem o caráter polifônico do discurso narrativo.

O primeiro nível correspondente à forma de organização enunciativa do discurso é aquele que representa textualmente a atividade narrativa. Como o corpus de análise é composto de narrativas orais, a disjunção das dimensões situacional e textual do discurso narrativo é bem mais difícil de situar que a disjunção já muito bem desenvolvida para a organização narrativa do texto escrito. Na organização do texto escrito, a figura do narrador distingue-se da figura do autor também pela materialidade da interação: o nível autor/leitor é mediado pela escrita, atividade às vezes distinta daquela que estabelece a relação narrador/narratário:

QUADRO INTERACIONAL 4. ENTREVISTA E03CZTER23109

(Seu Chico)	(Seu Chico)	(Seu Chico)	(P. Garcia)	(P. Garcia)	(P. Garcia)
Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor
[entrevistado]	[contador]	[narrador]	[narratário]	[auditório]	[entrevistador]
		Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade moderada [narração]			
		Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade moderada [narração]			
		Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade moderada			
[entrevista]					

Todos os níveis de interação postulados para a descrição do corpus instituem a mesma posição de interação, uma vez que a relação entre os pares se realiza por meio dos valores materiais semelhantes. No entanto, acrescidas as informações de natureza referencial, as semelhanças entre a organização dos níveis podem ser redimensionadas, uma vez que a condução das atividades em curso durante a interação exige ajustes nos comportamentos dos sujeitos, inclusive relativos às condições materiais de retroagir ao enunciado do outro. São informações dessa natureza que distinguem os dois primeiros níveis de interação: entrevista/narração. A distinção entre o terceiro nível de interação e os demais se deve a

informações relativas à dimensão textual do discurso: enquanto os dois primeiros níveis correspondem à organização situacional, referente às coordenadas da situação efetiva de comunicação, o terceiro nível corresponde à organização enunciativa, relativa às propriedades de interação representadas, por isso mesmo apresentadas no gráfico por meio de linhas traçadas. Cabe também reforçar que, apesar da identidade empírica dos sujeitos, o quadro interacional se propõe a demonstrar a representação desses sujeitos na organização interacional, que, em cada nível, se modifica em virtude das diferentes determinações impostas pelas diferentes dimensões que compõem o discurso.

O nível correspondente à organização situacional da narração, o nível de interação intermediário, seria a instância pressuposta da atividade narrativa, correspondente à ação mesmo de tomar a palavra e contar. A instância responsável pela condução/organização da narrativa é um ser de discurso: o narrador. Nem sempre há coincidência entre a figura do contador e do narrador, pois muitas vezes o contador institui um outro narrador responsável em conduzir o desenrolar da seqüência narrativa, como na passagem da entrevista CL09CZsou180694:

If. minha sogra qu'ela era uma uma velha muito...corajo::sa...**ela disse que**  
vinha mesmo na por::ta da casa dela qu' é bera d'igarapé né↑ ...aí::...

[

P.

hum hum

**e ela contava** às veze a gente ia pro cul::to quando chegava já onze  
hora da noite **ela contava** ela dizia N – qu'era o marido dela todos  
dois já falecido né↑ - ela dizia N meu bem hoje...a a sem vergonha<sup>9</sup> –  
ela chamava assim – a sem vergonha da matinta fez sucesso aqui na porta  
né↑...e era coisa feia mesmo né↑↑ [...]

Uma vez que, na passagem acima, a identidade do narrador não se confunde com a identidade do contador, a distinção entre os níveis interacionais se torna mais evidente, pois há seqüências cuja responsabilidade da enunciação não pode ser atribuída a outrem e que

interrompem, inclusive, o fluxo da narrativa. É o caso dos marcadores direcionados ao ouvinte (*né*), das seqüências que visam ao ajuste de informações entre pesquisador e informante (...*qu'era o marido dela todos dois já falecido né*↑) e de comentários avaliativos (...*e era coisa feia mesmo né*↑↑), cuja dimensão interativa diz respeito à organização situacional da narração.

Refinando mais ainda o esboço do quadro interacional, outros quadros poderão ser encaixados, à medida que o narrador apresenta as personagens interagindo entre si:<sup>10</sup>

QUADRO INTERACIONAL 5. ENTREVISTA E03CZTER23103

(Seu Chico)	(Seu Chico)	(um amigo)	(grupo de amigo)	(P. Garcia)	(P. Garcia)
Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor
[contador]	[narrador]	[caçador]	[caçadores]	[narratório]	[auditório]
		Oral			
		Co-presença temporal e espacial			
		Reciprocidade			
		[caçada]			
		Oral			
		Co-presença temporal e espacial			
		Reciprocidade moderada			
	[narração']				
		Oral			
		Co-presença temporal e espacial			
		Reciprocidade moderada			
[narração]					

[...]

P. como o como o apito da matinta perêra ↑

If. não:: esse...esse da da curupira não dá...não dá negócio de apito não...eu vi::

[

P.

hum::

no mato...eu vi lá no mato quando eu tava com:: com uns amigo meu...na:...  
devia ser onze horas mais ou menos...quando apareceu

(13s)

If. quando apareceu apareceu um negócio de um um barulho coisa...aí uns  
amigos que tava comigo...umas umas onze horas da noite...teve um que inda  
gritô ei...isso é o bicho que (risos) que vem atrás de vocês...isso que  
é a curupira não sei o quê...(inc)

[...]

A construção de um mundo textualmente representado no discurso, disjunto da situação efetiva de comunicação, e a dissociação do quadro interacional em diferentes níveis conduz à percepção do destinatário empírico do discurso, o que se tem denominado aqui de “auditório”, à posição de superdestinatário. O conceito de superdestinatário, postulado por Bakhtin (2000), refere-se ao sujeito que de um modo particular se posiciona em um discurso em relação ao qual ele não é o destinatário a primeiro nível. Ele é testemunha, espectador:

Compreender é, necessariamente, tornar-se o *terceiro* num diálogo (não no sentido literal, aritmético, pois os participantes do diálogo, além do terceiro, podem ser em número ilimitado), mas a posição dialógica deste terceiro é uma posição muito específica. O enunciado sempre tem um destinatário (com características variáveis, ele pode ser mais ou menos próximo, concreto, percebido com maior ou menor consciência) de quem o autor da produção verbal espera e presume uma compreensão responsiva. Este destinatário é o *segundo* (mais uma vez, não no sentido aritmético). Porém, afora esse destinatário (o segundo), o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um *superdestinatário* superior (o terceiro),

cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado. (O destinatário de emergência). Em diferentes épocas, graças a uma percepção variada do mundo, este superdestinatário, com sua compreensão responsiva, idealmente correta, adquire uma identidade concreta variável (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, a ciência etc.). (BAKHTIN, 2000, p. 355-356)

É essa posição de superdestinatário que os interlocutores situados nos níveis de interação que representam o contexto efetivo da situação de comunicação, a entrevista e a narração, assumem em relação ao nível de interação mais central: o entrevistador e o auditório assumem a posição de superdestinatário em relação à interação narrador/narratário. Por sua vez, os interlocutores situados no nível de interação correspondente à narração, narrador e narratário, também assumem a posição de superdestinatário em relação à interação representada entre as personagens da narrativa.

#### 4 CONCLUSÃO

A descrição e a análise do módulo interacional do funcionamento discursivo característico da interação entre pesquisadores e informantes do Projeto IFNOPAP já revela toda a complexidade relativa ao posicionamento recíproco entre os sujeitos que interagem. A composição do quadro interacional em diferentes níveis de interação, relacionados às diferentes atividades e também à organização dos contextos situacionais e enunciativos dos discursos, demonstra o quão heterogêneo e dinâmico é o modo como os sujeitos se constituem no decorrer do encontro social. Essa complexidade se intensifica à medida que acrescentam-se novos dados relativos aos demais módulos e às demais formas de organização discursiva, como o módulo hierárquico e as formas de organização operacional, tópica e estratégica.

Os resultados desse conjunto de análises fornecem as marcas do processo de co-construção dos discursos e disponibilizam para os analistas, mesmo com um caráter lacunar, pistas que recuperam o caminho trilhado para a construção dos sentidos, para a construção dos contextos, para a construção dos sujeitos, afirmação já ratificada desde trabalhos pioneiros que se ocupam do funcionamento da ordem interacional, como os de Pittenger, Hockett e Danehy que postulam um princípio geral sobre a organização interacional, entre outros, a que denominam *Immanent Reference*:

Não importa sobre o que os sujeitos estejam comunicando, ou sobre o que pensam estar comunicando, eles estão sempre comunicando sobre eles mesmos, sobre um e outro e sobre o contexto imediato da comunicação.(PITTENGER; HOCKETT; DANEHY, 1960, apud LABOV; FANSHEL, 1977, p. 21)<sup>11</sup>

#### THE IDENTITY CONSTRUCTION IN THE AMAZONIAN DISCOURSES

##### ABSTRACT

The inter relation between individuals in any ordinary interaction is established by coordinating behaviour, conflict management, interaction strategies, and subject complexity. In order to understand the interpersonal relations established between individuals that participate of IFNOAP Project, this paper will analyze the relationship described in the interactional module considering the modular discourse analysis model, that focus the material conditions of the discursive activity.

KEY WORDS: Interpersonal relations, discourse material features, oral narratives.

##### NOTAS

1. "En effet, la reconnaissance d'un rapport dialectique fondamental entre les prémisses organisationnelles typifiantes et leur évaluation située revient à insister sur les processus émergents de la régulation contextuelle des

interactions sociales sans pour autant nier radicalement les ressources schématiques qui les orientent. Ainsi, on peut montrer que la rationalité des conduites intentionnelles n'est réductible ni à une entité cognitive schématique ou typifiante qui préforme l'agir ni à une signification strictement émergente, mais qu'elle procède simultanément de ces deux ordres de faits" (FILLIETTAZ, 2000, p. 50).

2. A organização do acervo do Projeto IFNOPAP respeita um sistema de referência para a identificação das entrevistas, em que constam os seguintes dados: código do pesquisador (E); número de ordem da fita cassete (3); código do município em que se realiza a gravação (CZ – Belém); código do logradouro (ter – bairro da Terra Firme); data da gravação (23/10/1993).
3. Na composição do quadro, encontra-se, entre parênteses, a identidade empírica dos sujeitos, visando apenas à clareza dos dados quando do encaixe de diferentes níveis interacionais.
4. "Il s'agit cependant de bien garder à l'esprit le caractère dialectique de ces rapports référentiels-interactionnels. L'importance d'un événement de communication, en termes d'enjeux, se manifeste sans doute dans les caractéristiques des niveaux d'interaction. Le choix d'empêcher ou de permettre l'accès du public à la scène du débat, c'est-à-dire à la réciprocité communicationnelle avec les débattants en est un exemple: des enjeux référentiels déterminent alors les valeurs d'interaction. Mais l'inverse se vérifie dans le même temps. La possibilité ou non de participer matériellement à un échange avec des débattants influence la nature et le déroulement des activités: c'est-à-dire l'écoute des auditeurs, tout comme les comportements des débattants ou de l'animateur" (BURGER, 1997, p. 24).
5. As informações de natureza referencial são apresentadas entre colchetes, conforme orientação de Burger (2001).
6. "C'est du reste ce qui se passe très généralement dans l'interview, où le statut des deux participants est complexe: si l'intervieweur est en position haute dans la mesure où il 'mène' l'interaction, oriente l'entretien et prend la plupart des initiatives, il abdique sur un autre front puisque son rôle est moins de parler que de susciter la parole d'autrui, auquel il laisse le soin de fournir l'essentiel de la matière conversationnelle, et qu'il s'emploie à mettre en vedette. Pilote effacé du dialogue, initiateur vite condamné à un silence relatif, l'intervieweur est à la fois dominant, et dominé – ces deux composantes se dosant diversement selon les interviews..." (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 109-110).

7. Nesse caso, “terra firme” refere-se a um bairro da cidade de Belém. As letras maiúsculas foram suprimidas devido às convenções seguidas para transcrição.
8. "Les résultats de cette étude amènent à conclure que l'auditeur reconnaît et accompagne le développement progressif du récit en modulant son comportement de manière à épouser avec souplesse l'organisation discursive du locuteur. L'examen des marques d'écoute donne une idée de ce que le narrataire perçoit le plus clairement et le plus immédiatement de la spécificité narrative: l'augmentation du débit de parole et l'opposition action/commentaire de l'action" (LAFORÉST, 1996, p. 94).
9. Nas transcrições, as passagens sublinhadas indicam as citações dos discursos das personagens.
10. O nível interacional correspondente à entrevista foi suprimido apenas por uma questão de espaço.
11. Immanent Reference: "...No matter what else human beings may be communicating about, or may think they are communicating about, they are always communicating about themselves, about one another, and about the immediate context of the communication." [italics added] (LABOV; FANSHÉL, 1977, p. 21).

#### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BURGER, Marcel. Positions d'interaction: une approche modulaire. *Cahiers de linguistique française*, v. 19, p. 11-46, 1997.
- \_\_\_\_\_. La dimension interactionnelle. In: ROULET, Eddy; FILLIETTAZ, Laurent; GROBET, Anne. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt/M., New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2001. p. 139-163.
- FILLIETTAZ, Laurent. *Actions, activités et discours*. 2000. Tese (Doutorado) – Faculté des Lettres, Université de Genève, 2000.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les interactions verbales* (tome II). Paris: Armand Colin Éditeur, 1992.

LABOV, William; FANSHEL, David. *Therapeutic discourse: psychotherapy as conversation*. New York/San Francisco/London: Academic Press, 1977.

LAFORÉST, Marty. De la manière d'écouter les histoires: la part du narrataire. In: \_\_\_\_\_. (Dir.). *Autour de la narration*. Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1996. p. 73-95.

MARTINS, Bene. O tecer das estórias amazônicas. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *A cultura amazônica em suas multivozes*. Belém: UFPA, 1999. p. 37-44.